

# Sarney preside no Rio homenagem a Niomar

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

A velha e a Nova República esqueceram as diferenças que as separaram e foram, ontem, quase em peso, ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro homenagear a fundadora e presidente de honra da casa, Niomar Muniz Sodré. A homenagem foi presidida por José Sarney, que aproveitou para dizer que estava ali também para resgatar a República das injustiças que ela cometeu.

Do conservador Harry Stone, representante da indústria cinematográfica norte-americana no Brasil, ao ator Paulo César Perello, estavam presentes ao almoço no MAM políticos, intelectuais e artistas. Num ambiente informal, a Nova e a velha República sentaram-se à mesma mesa. Para acompanhar as conversas, o coro dos empregados dos bancos recentemente liquidados que cantavam, lembrando uma antiga música carnavalesca: "E ou não é piada de salão, enquanto trabalho, o banqueiro mete a mão".

Mulheres bem vestidas e homens de ternos reluzentes, todos foram esperar a comitiva presidencial no MAM — foram vendidos cerca de 700 convites. Sarney demorou a chegar, atrapalhado que foi pela greve dos caminhoneiros que atravancou a avenida Brasil. No MAM, além dos convidados, havia outra "comitiva" a esperá-lo: funcionários do Comind, Auxiliar e Maisonnave, todos devida-

mente paramentados com faixas e cartazes de protestos.

Quando a comitiva finalmente chegou, o grupo já estava engrossado por lavradores sem-terra pedindo a reforma agrária. Sarney e o governador Leonel Brizola foram recebidos com palmas e palavras de ordem e cumprimentaram discretamente os manifestantes. Na entrada do restaurante, o presidente prometeu receber as reivindicações, o que fez mais tarde.

Organizado por um grupo de intelectuais liderados por Antônio Cravo Albim e o escritor Antônio Houaiss, o almoço foi marcado por vários discursos de homenagem a Niomar, ex-presidente do *Correio da Manhã*, cuja resistência à revolução de 64 acabou levando o jornal à falência em 1968. Aos 78 anos de idade, foi a própria Niomar, porém, que mais emocionou os convidados, falando sobre a censura ao seu jornal, as perseguições, os anos de exílio voluntário na Europa e o retorno, depois do incêndio no MAM e em seu apartamento, que destruiu obras de arte raríssimas. Foi um discurso sem lamentações ou lágrimas, que mereceu uma resposta improvisada, e igualmente emocionada, de Sarney.

O almoço foi tão informal que o comunista Giocondo Dias deixou o restaurante logo depois do discurso de Sarney, sem esperar a sobremesa. A pressa era tanta que ele esqueceu de tirar o guardanapo, que estava preso à cintura. De terno azul e guardanapo creme, Giocondo saiu rapidamente.

# Por último, o elogio a Arinos

RIO  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente Sarney cumpriu ontem à noite seu último compromisso do primeiro dia de sua estada no Rio, inaugurando a exposição comemorativa do 80º aniversário do jurista e historiador Afonso Arinos, que foi escolhido por ele para presidir a Comissão da Constituinte. Acompanhado de dona Marly, do governador José Aparecido de Oliveira, de Brasília, e de vários membros da Academia Brasileira de Letras, Sarney chegou ao arquivumuseu de literatura da Fundação Casa de Ruy Barbosa, no bairro de Botafogo, às 18h40, quando funcionários do IBGE se manifestavam a favor dos demitidos pelos Atos Institucionais. Ele cortou a fita simbólica, inaugurando a mostra que reúne medalhas, diplomas, livros, discursos, revistas e artigos escritos por Afonso Arinos.

Em rápida entrevista improvisada por seus assessores à saída da cerimônia, Sarney elogiou a figura de Afonso Arinos. "Estamos diante de um dos maiores vultos da inteligência brasileira. Afinal, existem vários Afonsos em um só", disse o presidente, evitando responder à indagação dos jornalistas a respeito da importância da volta do PDS ao governo, com a formação de um novo partido, o Liberal Progressista.

Arinos, por sua vez, disse acreditar que a reforma partidária virá com a Constituinte.